

*Boletim Informativo da Federação Portuguesa
da Ordem Maçónica Mista Internacional "Le Droit Humain"*



*Ano 1 Edição N° 3
Setembro, 2010*

Editorial

Caros Irmãos e Irmãs da Federação Portuguesa do “Le Droit Humain”.

Neste boletim publicamos as sínteses nacionais apresentadas na Convenção Nacional de 2010, de forma a que todos possam conhecer o resultado do trabalho anual das nossas Lojas.

O método maçónico propõe a apresentação em Loja de trabalhos sobre os temas anuais, um simbólico e um maçónico.

São assim aprofundadas as questões que a Convenção aprovou e cujas conclusões serão presentes na Convenção seguinte e lidas na sua Cerimónia de encerramento. Estas conclusões, de alguma forma, representam o sentir de todos os irmãos da Federação, pois todos tiveram oportunidade de intervir apresentando peças pessoais ou participando nos debates após a respectiva leitura.

A comissão que esforçadamente elaborou a revista, entre outros artigos, propõe a todos uma nova rubrica sobre Arte Maçónica que desvelará algumas expressões artísticas inspiradas pela simbologia tradicional maçónica. Dou pois os parabéns a mais esta iniciativa.

...

Desejando aproveitar para chamar a atenção para um tema fulcral sobre a prática maçónica, proponho uma reflexão à volta de um belo relógio que contém numerosos símbolos fundamentais.

A vivência da prática de trabalho ritualístico, executada com todo o rigor em torno dum ritual, é o cerne da nossa vida maçónica. No exterior da Loja podemos vivenciar a fraternidade com todos os nossos Irmãos e Irmãs e mesmo expressar na sociedade as qualidades superiores que é

suposto todos os franco-maçons perseguirem. Mas é apenas no trabalho em Loja que experimentamos a verdadeira vivência maçónica.



Podemos ler muitos livros e conhecer o que outros escreveram sobre os símbolos, mas se não os vivermos, colaborando nos trabalhos ritualísticos, pouco avançaremos no caminho iniciático.

É por essa razão que a assiduidade é objecto de uma particular atenção na nossa Ordem.

Proponho a todos que na organização da sua vida encontram muitas razões para apresentar escusas que meditem neste assunto.

O Presidente do Conselho Nacional
Manuel Garrido

Nesta Edição:

- ◆ Editorial
- ◆ Terceira Convenção Nacional
- ◆ Notícias
- ◆ Síntese Simbólica
- ◆ Síntese Social
- ◆ Georges Martin
- ◆ Arte Maçónica
- ◆ Do punho da Irmã...
- ◆ Poesia Iniciática
- ◆ Preceito Maçónico
- ◆ Ficha Técnica

Correio electrónico:

dhpt@sapo.pt

Página na internet:

droit-humain.org/portugal

Página internacional:

droit-humain.org



Terceira Convenção Nacional

A terceira Convenção Nacional da Federação Portuguesa decorreu nos passados dias 3 e 4 de Julho, na sede do Direito Humano, em Lisboa.

Para esta Convenção foi eleito como presidente o Irmão Henrique Vaz que formou o seguinte Colégio de Oficiais com a aprovação dos Deputados presentes: 1º Vigilante, Irmã Teresa Soeiro; 2º Vigilante, Irmã Dalila Germano; Orador, Irmã Ana Maria de Sousa; Secretário, Irmã Ana Varela; Grande Experto, Irmã Angelina Xavier; Mestre de Cerimónias, Irmã Fernanda Teixeira; Tesoureiro, Irmã Virgínia Antunes; Hospitaleiro, Irmã Margarida Morgado; Guarda do Templo, Irmã Isabel Ricardo; Mestre da Harmonia, Irmã Ana Pires da Silva.

A Convenção aprovou como Tema Simbólico para o ano maçónico 2010/2011 “O Valor do Silêncio” e como Tema Social “Cidadania e Maçonaria”, que serão estudados e debatidos em todos os Ateliers da nossa Federação, como é regra na nossa Ordem.

Relativamente aos Votos propostos pelas Respeitáveis Lojas, foi aprovado como Voto geral “Que os maçons possam ser reconhecidos através da vivência

da divisa - Liberdade, Igualdade, Fraternidade” e como Voto interno “Que as Lojas do Direito Humano cresçam e se enraizem de forma equilibrada”.

A Convenção decidiu, ainda, a continuação dos trabalhos da Comissão para o Estudo e Reflexão dos Rituais e da Comissão responsável pelos Boletins Informativos.

Foi, também, aprovada a extensão do número de Conselheiros no Conselho Nacional a nove membros ao invés dos sete actuais, a partir da próxima Convenção de 2011, em que decorrerão eleições para este órgão administrativo.

No encerramento da terceira Convenção Nacional estiveram presentes a Oriente dignitários das Obediências amigas, tais como o Sereníssimo Irmão Grão-Mestre Adjunto do Grande Oriente Lusitano, uma delegação da Grande Loja Feminina de Portugal, uma delegação do Supremo Conselho Feminino de Portugal, o Conselho Nacional da Federação Portuguesa do Direito Humano e o seu Muito Poderoso Grão-Comendador.

Foram lidas as peças de arquitectura dos Temas do ano findo; a Irmã Fátima Palmira Cunha, Deputada pela

Respeitável Loja Fraternidade, apresentou a Síntese Social Anual do Tema “A Crise como Oportunidade de Renovação e Crescimento” e o Irmão Jean-Marc Faucher, Deputado pela Respeitável Loja Gaia, apresentou a Síntese Simbólica Anual do Tema “Simbologia Maçónica e o Processo de Auto-Conhecimento”.

Após estas apresentações demonstrativas dos trabalhos dos Ateliers da nossa Federação, a Irmã Ana Pires da Silva e a Respeitável Irmã Conselheira Graça Gomes deram a conhecer o seu trabalho acerca da Irmã Adelaide Cabete e da sua função vital na Implantação da República, declamaram o poema “Os Cravos Vermelhos” e terminaram exortando à República.

No interesse da ordem e da Humanidade, os Ilustres Irmãos e Irmãs visitantes tiveram oportunidade de dirigir algumas palavras à nossa Federação, bem como as Respeitáveis Lojas que estiveram presentes.

Terminados os trabalhos, todos os presentes puderam conviver e festejar o encerramento de mais um ano maçónico de trabalho e empenho num Ágape Fraternal no Hotel Açores, em Lisboa.

**A CONVENÇÃO
APROVOU
COMO TEMA
SIMBÓLICO
PARA O ANO
MAÇÓNICO
2010/2011
“O VALOR DO
SILÊNCIO” E
COMO TEMA
SOCIAL
“CIDADANIA E
MAÇONARIA”,
QUE SERÃO
ESTUDADOS E
DEBATIDOS EM
TODOS OS
ATELIERS DA
NOSSA
FEDERAÇÃO,
COMO É REGRA
NA NOSSA
ORDEM.**

Colóquio Inter-Obediências Paris, 6 de Novembro, 2010



Jacques Samouelian, novo Presidente da Federação Francesa de O Direito Humano

No dia 6 de Novembro de 2010, ocorrerá na sede da Federação Francesa da Ordem Maçónica Mista e Internacional O Direito Humano um colóquio inter-obediências sobre o tema: “As respostas da Franco-Maçonaria face às derivações sectárias”.

Com a participação de numerosos intervenientes como Jean-Pierre Jougla, Philippe Jean Parquet, Alain Vivien, Roger Dachez, Catherine Picard et Jacques Miquel.

Após o seu Convento Nacional (Assembleia Geral Anual), a Federação Francesa de O Direito Humano, a primeira Obediência da *Ordem Maçónica Mista Internacional O Direito Humano*, elegeu seu novo Presidente.

Jacques Samouelian, psiquiatra infantil, chefe do serviço hospitalar, reiterou no seu discurso de encerramento, o compromisso e os valores maçónicos do Direito Humano na cidade.

Durante este Convento, os 627 representantes de 17 000 membros aprovaram o texto de síntese do seu trabalho do ano pas-

sado: “Em que condições é que podemos e devemos desobedecer a lei?”. Este texto está disponível na íntegra no site da Federação: droithumain-france.org

Este texto resume a posição dos Franco-Maçons do Direito Humano, que estão sempre presentes:

- quando a liberdade é violada,
- quando a igualdade é negada,
- quando a fraternidade é esquecida.

Ligados de forma infalível à dignidade do homem, os Irmãos e Irmãs escolheram o tema da reflexão do ano maçónico 2010-2011, o comunitarismo confrontado com os valores da República.

O carácter misto na Maçonaria, alcançada através de grandes esforços, quase 120 anos depois, continua a ser o eixo principal do pensamento e da acção, que se declina quer do ponto de vista do género: feminino, masculino, quer do ponto de vista social, cultural e filosófico.

droithumain-france.org

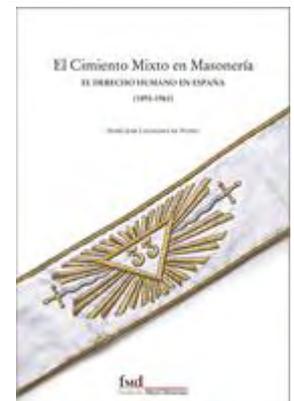
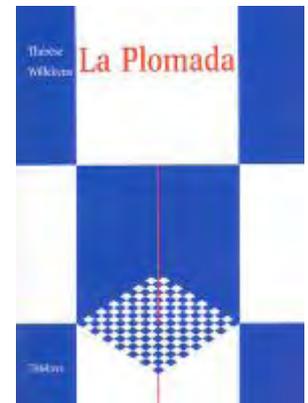
Apresentação do último livro da Fundação Maria Deraismes



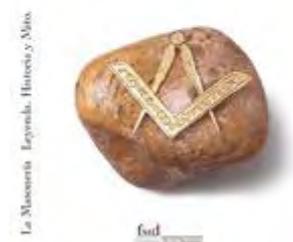
de dentro da estrutura desta Ordem Maçónica Mista e Internacional e que de forma mais ampla se recolhem no livro mencionado.

elderechohumano.org

Outras publicações da Fundação Maria Deraismes:



La Masonería
Leyenda, Historia y Mito.



Ontem, quarta-feira, no Ateneu de Madrid e dentro das actividades que promove a “Agrupación Ágora para el diálogo”, teve lugar a apresentação do livro da Fundação Maria Deraismes “Grandes Maestros, tenéis la palabra”, um compêndio de discursos e reflexões de todos os Grão-Mestres da Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain desde a sua fundação.

Este acto, que foi presidido pela presidente da Ágora, Carmen Serrano, contou com as intervenções de Gonzalo Tapia, Presidente da Fundação Maria Deraismes, Antonio Ceruelo, Grande Comendador do Direito Humano para Espanha e Grão-Mestre Adjunto do seu Supremo Conselho Internacional, e de Paloma Martínez, Presidente da Federação Espanhola, contou com uma grande afluência de público que teve oportunidade de conhecer em primeira mão alguns aspectos do pensamento daqueles que ostentaram e ostentam a mais alta responsabilidade

trisquelion.com/libreria/libros.html

Guy Arcizet eleito Grão-Mestre do Grande Oriente de França



Médico aposentado, 71 anos, Guy Arcizet, passou toda a sua carreira em Paris e conhece de perto os problemas sociais.

O convento da reunião maçónica em Vichy, sofreu uma crise marcada ontem por um voto de desconfiança contra a equipa dirigente de saída. O novo Grão-Mestre do Grande Oriente de França, Guy Arcizet, foi eleito ontem em Vichy depois de um dia rocambolesco. É preciso mais para destabilizar este médico pacífico de 71 anos, aposentado, cujo rosto transpira serenidade. Mas a sua eleição por um ano, renovável, chefiando os 50 mil membros da primeira obediência francesa, foi uma das mais tensas dos últimos anos.

Não tanto por causa da personalidade discreta, mas determinada do novo Grão-Mestre, mas porque o contexto da assembleia anual de Vichy - um "convento" composto por um representante de cada uma das 1.150 lojas, foi agitado e muito mais dividido do que o esperado. A equipa de Pierre Lambicchi, o Grão-Mestre que deixou o cargo, chegando ao final de seu mandato, tinha, entretanto, preparado cuidadosamente um "relatório de atividades" lido, defendido e

debatido ontem de manhã em sessão fechada. Estes resultados foram refinados porque o ano do Grande Oriente tinha sido marcado por um amargo debate interno sobre a admissão de mulheres nas Lojas e por questões pesadas de orientação. O convento teve de restaurar alguma calma nas fileiras.

O primeiro golpe dramático aconteceu com a rejeição por 57% do relatório de atividades. Um acontecimento raríssimo para este caso. Facto "sem precedentes" na memória dos mais antigos maçons presentes. Ninguém, em caso algum, o esperava. Mesmo durante a grave crise de 1995, o relatório de atividades foi aprovado. Outro sinal de desafio, ainda - um membro da assembleia falou de "acerto de contas" - e o claro sinal veio das Lojas (que elegem os seus representantes para esta assembleia soberana) para expressar o mal-estar presente entre os membros do Grande Oriente. Um deles explicou ontem, em Vichy: "Temos ouvido muitas críticas nas reuniões sobre a forma de

conduzir a obediência e sobre a falta de implicações sociais do Grande Oriente."

Neste momento de impasse, as regras internas do convento prevêem o recurso a um "debate de censura" face-a-face com a equipa dirigente seguido de um voto de confiança. E então o segundo golpe dramático de acontecimentos ocorreu: a moção de censura foi aprovada com 50,5% dos votos. Porém, a suspeita não alcançou a cifra fatídica de 66%, o que teria implicado a demissão imediata de trinta e cinco membros do Conselho da Ordem (o órgão executivo supremo) e abriria uma grave crise dado que a eleição do novo Grão-Mestre grande estaria comprometida, o alerta foi grave.

Por isso, foi só na noite passada que o Conselho da Ordem pôde eleger o novo Grão-Mestre, na pessoa de Guy Arcizet. O médico de clínica geral que passou toda a sua carreira no "93" tem uma experiência de campo dos problemas sociais. É, portanto, daqueles que querem que o Grande Oriente, "corpo intermediário da República", volte ao coração das questões sociais. Também defende uma "mudança social" da obediência para que reencontre o "terceiro pilar" da laicidade que é "a igualdade de oportunidades" com "a liberdade de consciência e a separação das Igrejas e do Estado."

Também quer um Grande Oriente menos "em defensiva", nomeadamente nas

questões clássicas da laicidade, mas mais comprometido com uma "ética laica de solidariedade" com "propostas" sobre "uma economia alternativa" e sobre a ecologia. Uma obediência sem mais pudor sobre a "espiritualidade laica" da cultura maçónica que responde a uma "busca de transcendência, da igualdade e da transmissão."

Esta manhã, Guy Arcizet vai presidir sua primeira reunião do convento, e não será pouco. É preciso votar de novo sobre a questão da admissão de mulheres nas Lojas. O Convento de Lyon, um ano atrás, rejeitou esta perspectiva. A decisão foi anulada, devido a leis internas, neste Inverno, que finalmente acabou por autorizar as Lojas do Grande Oriente a iniciar mulheres. Mas este convento, "órgão soberano", pode rever esta manhã sobre esta abertura, definindo estatutariamente o Grande Oriente como uma obediência maçónica "masculina".

O Grande Oriente de França, reunido em Convento Annual em Vichy, votou o fim das "discriminações" fundamentadas pelo sexo para quem solicita uma iniciação nesta Obediência.

Esta votação encerra inúmeros anos de debates internos no Grande Oriente, onde uma parte se opõe à iniciação de mulheres nas Lojas. Todavia, cada Loja tem a liberdade de admitir quem quiser, mas não poderá recusar uma iniciação com base no sexo de alguém.

Le Figaro 03.09.2010

Síntese Simbólica Anual

Simbologia maçónica e o processo de auto-conhecimento

“Em cada bloco de pedra vejo uma estátua; vejo-a tão claramente como se estivesse na minha frente, moldada e perfeita na pose e no efeito. Tenho apenas de desbastar as paredes brutas que aprisionam a adorável aparição para revelá-la a outros olhos como os meus já a vêem”.
Michelangelo Buonarroti

O tempo, a morte e a alteridade são descobertas perturbantes que alteram a nossa visão do mundo e a nossa postura perante a realidade. Descobrimos a nossa efemeridade, perdemos as prerrogativas de nos considerarmos o centro e deparamos connosco numa viagem da qual não podemos desistir, só continuar.

Desta constatação pode nascer um sentimento de angústia e de absurdidade que lançam o ser humano, ora num alheamento que o aliena no circunstancial, ora no questionamento e na procura da compreensão do que o rodeia e de quem é. Que posso saber? Que posso esperar? Que devo fazer?

Quem sou? Esta não é mais uma questão. É A questão.

O homem comum sempre olha para o exterior de si próprio quando quer compreender qualquer *mistério* vital; sempre tem julgado que aquela Verdade intransponível e inacessível se encontra encerrada algures, em algum país longínquo, em algum livro dito sagrado, em qualquer local ou pessoa investida de autoridade. Porém, e fazendo jus ao aforismo antigo que reza: «*Não me procuraríeis se não me tivésseis encontrado já...*», resta-nos a *possibilidade* de (re)encontrar algo, e esse algo estará encerrado no nosso próprio corpo, nos nossos genes, no nosso Ser... ou talvez oculto no nosso Coração...

Desde tempos imemoriais que os Antigos Mistérios, detentores da Sageza das Idades, têm tido como fim último da sua Demanda, a integral compreensão da Verdade. Contudo, esta parece ser inatingível, para o homem comum, o qual, para ultrapassar a frustração de incapacidade que lhe (a)parece inata, vem transformando e espartilhando o que julga entender por Verdade num sem número de dogmas, de leis, de convenções, de teorias, que o *ajudam a dominar* a Realidade e a Vida... segundo os seus próprios juízos e critérios.

Os desejos mais íntimos da Humanidade ao longo de toda a sua atribulada história e evolução, têm-se manifestado pela alegoria e pelo símbolo. Afinal reside na conquista de mais felicidade, do Paraíso Perdido ou do Jardim do Éden, de Agartha ou de Shambalah, das Ilhas Encantadas (Encobertas) ou do Palácio do Rei Pescador (da Demanda do Graal)... consoante as diferentes culturas ou civilizações. Todavia, no fundo, trata-se de uma e da mesma Realidade: a da aspiração do Divino no Homem...

Também os Contos Tradicionais incorporam em si uma explicação do inexplicável. São narrados pelo contador e intuídos pelo ouvinte, estabelecendo-se entretanto, naquele acto, uma relação mágica, total, holística, religiosa... entre ambos.

O mito assume, assim, um valor simbólico, auxiliar indispensável no processo de auto-conhecimento, desvelando as verdades profundas e tornando acessíveis à compreensão os fenómenos naturais e sociais.

Complementarmente, a linguagem silenciosa dos símbolos conduz-nos à verdade escondida. Essa linguagem fala-nos no silêncio espiritual. Os símbolos transbordam de significado e a vida passa a ser mais do que uma mera sombra numa qualquer caverna da ilusão, onde o ouro do iniciado, segundo Wirth, “é só um símbolo da perfeição”.

Os símbolos estão destinados a despertar as ideias adormecidas na nossa consciência. Estimulam o pensamento por via da sugestão e fazem-nos descobrir, assim, as verdades enterradas nas profundezas do nosso espírito. Através deles, os povos primitivos comunicavam-se e registavam a sua história. E, embora o que impera

“DESDE TEMPOS
IMEMORIAIS QUE OS
ANTIGOS
MISTÉRIOS,
DETENTORES DA
SAGEZA DAS
IDADES, TÊM TIDO
COMO FIM ÚLTIMO
DA SUA DEMANDA,
A INTEGRAL
COMPREENSÃO DA
VERDADE.”

Síntese Simbólica Anual

actualmente seja a explicação da razão discursiva, a linguagem simbólica nunca desapareceu da relação de entendimento que o homem estabelece entre si e o mundo, entre si e o outro, entre si e a transcendência.

O verdadeiro símbolo é aquele que pode ser interpretado por diversos ângulos, de acordo com a capacidade intelectual e emocional de cada um. Não representa uma única ideia, com um único e inequívoco significado.

Por outro lado, também não se confina a uma interpretação meramente pessoal que parte da compreensão de cada um, e está na base do relativismo e do subjectivismo, que considera que qualquer pessoa pode atribuir qualquer interpretação a qualquer símbolo.

Mas sobretudo, convém nunca esquecer que foi a Vontade, a Inteligência e o Sentimento humanos que criaram, animaram e deram forma, significado e sentido aos símbolos. Logo, a submissão passiva a eventuais formas subtis de dogma e de ignorância, não deve acontecer a homens e mulheres de livre pensamento. Utilizemos os símbolos e as cerimónias, sem contudo permitir que estes, ou quem os manipule, nos utilizem, pois não podemos esquecer que somos seres livres e dotados de palavra, somos sujeitos e não objectos...

“SE O
OBJECTIVO É O

No que respeita à filosofia e tradição maçónica, também a sua transmissão é feita através de alegorias e símbolos.

DESENVOLVIMENTO
ESPIRITUAL, O

Segundo Carl Gustav Jung, o ser humano é levado a sensibilizar-se com certas imagens ou símbolos que constelam sentimentos profundos de apelo universal - os arquétipos, que ajudam os maçons a aprenderem os conceitos, gravando-os em suas mentes, para futuras associações.

DESPERTAR

INTERNO, ENTÃO O

PRIMEIRO PASSO É

O DE AUTO-

CONHECIMENTO E

CONSEQUENTE

CONSTRUÇÃO.”

Símbolos e mitos, integrados no processo ritualista que caracteriza a franco-maçonaria, são a fórmula que propicia a cada maçom o trabalho sobre si próprio e a realização espiritual. Esta deve ser progressivamente construída através da hierarquia dos diferentes graus iniciáticos e dos ensinamentos que transmitem. Em cada um destes graus o ritual da tradição maçónica assume uma forma bem definida que, contudo, não impõem qualquer limite à busca individual.

O método iniciático maçónico é uma via essencialmente intuitiva que utiliza o símbolo e o mito como suporte. Tais símbolos são tirados quer da tradição religiosa, quer do hermetismo e da alquimia, constituindo uma transposição de uns e de outros para a forma e para o uso dos utensílios dos maçons operativos.

Se o objectivo é o desenvolvimento espiritual, o despertar interno, então o primeiro passo é o de auto-conhecimento e consequente construção.

Esta construção, que se alicerça no desenvolvimento espiritual do homem, é reflectida e assimilada no decorrer das reuniões de trabalho em loja, que, como se afirmou, obedecem a um ritual. E este, quando verdadeiramente assumido e desempenhado tem um efeito transformador.

O aperfeiçoamento espiritual não é senão a descoberta, no mais profundo da consciência de cada um, da verdadeira natureza humana que foi ficando oculta pelas vicissitudes da vida. Com o apoio da interpretação simbólica vai-se reunindo o que está disperso, abandonando o excesso que cega, ao encontro desse ser inicial que fará nascer a libertação e a serenidade.

Bem no fundo de cada um de nós encontramos, se para isso tivermos o desejo e a perseverança necessária, essa força libertadora da escravidão. Escravidão do medo, da cólera, da frustração, das tensões recalçadas, de uma postura de reactividade que nos continua a aprisionar no “rebanho”.

Se o símbolo trabalha no interior de cada um de nós, é através da palavra que nos encontramos com o outro e que expressamos o nosso poder criativo. É através dela que revelamos as nossas intenções e pensamentos. O que se sonha, o que se deseja, o que se sente e o que se é, manifesta-se através da palavra. A palavra tem o poder de instaurar, de criar a realidade. Consequentemente, tanto pode criar amor,

Síntese Simbólica Anual

beleza e felicidade como destruição, infelicidade e o inferno. Tudo depende da forma como a usamos. Mas a palavra pressupõe a existência do silêncio.

Segundo a lenda, nos estaleiros do Templo de Salomão reinava um absoluto silêncio. Não existia ruído na construção que crescia seguindo as regras da arquitetura sagrada, na harmonia da regra de ouro. Como interpretar este silêncio que se fazia sentir, apesar da acção dos instrumentos? Ou não seria exactamente porque os instrumentos estavam em acção que o silêncio reinava?

Também na Loja o silêncio se faz, como se faz no interior de nós, quando nos entregamos à construção. É aliás apelando a ele, que o Venerável se dirige pela primeira vez aos Irmãos, antes de convocar a Luz. *"Silêncio, minhas Irmãs, e meus Irmãos..."* Propicia-se assim a instalação de um espaço sagrado essencial à recepção da palavra criadora, à construção de uma dimensão onde cada um opera, na sua coluna, na sua função, procurando ajustar a sua obra ao preciso lugar que lhe cabe no todo.

Por essa razão, escutar é fundamental. Escutemos bem e falemos pouco é a mensagem que todos os grandes mestres nos transmitem. Mas aprender a escutar implica aprender a calar-se. E quando nos calamos e nos pomos à escuta, entendemos melhor. Ouvimos, vemos, sentimos coisas de que nem suspeitávamos a existência. Deixamos que a experiência do universo trabalhe em nós, penetre no nosso ser e o arraste consigo numa fusão plena de serenidade. É nestes momentos que crescemos, que despertamos, que elevamos o nosso grau de consciência.

Este não é o silêncio que atormenta ou o que conduz ao seguidismo e à repetição. Não é o silêncio das respostas definitivas que fascinam a impaciência, a vacuidade ou a preguiça da reactividade. É o que nos empurra para a superação permanente de nós próprios. O que nos impede de ser dogmáticos e fundamentalistas. O que nos permite reconhecer a alteridade. Um silêncio que nos liberta de ideias, imagens e emoções parasitas.

E que retoma a palavra, porque não nos encerra. Mas agora é a palavra contida, oportuna, necessária. Palavra criadora.

Se muito deste percurso se faz no silêncio da nossa consciência, no templo interior de cada um, uma parte não menos importante ocorre no Templo maçónico, o espaço físico onde nos encontramos regularmente. Espaço que constitui a envolvente ideal e real que propicia a reflexão libertadora sobre os símbolos e que só ocorre quando conduz às grandes questões relacionadas com a subjectividade e a objectividade e às razões profundas desta distinção.

Por outro lado, as funções de vida comunitária, na Loja, são tanto de natureza material como espiritual e destinam-se particularmente a reunir o que se encontra disperso. Numa comunidade que se queira realmente fraterna a tríade fundamental que compõe a actividade social é útil de forma igualitária. Ou seja, fazer (construir), proteger (cuidar) e ensinar (transmitir) complementam-se e interpenetram-se. Se uma destas actividades se torna dominante ou "pretende" a primazia a fraternidade não pode mais existir e a via iniciática fecha-se. O Homem, em Loja, apercebe-se como microcosmo e vê, no Templo, o macrocosmo e é também desta interacção recíproca que se tece silenciosamente, com perseverança e delicadeza o espírito livre.

A vivência maçónica e o cultivo da fraternidade, o estar em liberdade e, de forma tolerante, praticar a igualdade, são componentes vitais para o processo de auto-conhecimento e de crescimento. Desta forma, um Irmão poderá ser reconhecido pelos seus pares através do seu modo de agir equitativo e íntegro; pela linguagem leal, sincera e educada e pela atitude fraternal que manifesta para com aqueles a quem está unido pelos laços do Segredo.

As chaves para o auto-conhecimento e aperfeiçoamento estão à disposição de todos aqueles que, aceites pela Ordem Maçónica, sabem fazer trabalhar em si a simbologia e contribuir com o seu trabalho e atitude para a formação da Egrégora entre os Irmãos, independentemente do grau em que se encontrem ou da função que desempenhem.

**"A VIVÊNCIA
MAÇÓNICA E O
CULTIVO DA
FRATERNIDADE, O
ESTAR EM LIBERDADE
E, DE FORMA
TOLERANTE,
PRATICAR A
IGUALDADE, SÃO
COMPONENTES
VITAIS PARA O
PROCESSO DE AUTO-
CONHECIMENTO E DE
CRESCIMENTO."**

Síntese Social Anual

A crise como oportunidade de renovação e crescimento

O tema anual de reflexão, sugerido pelo contexto da denominada crise financeira global, em especial nas economias ocidentais, permite outras dimensões de análise, não apenas como fenómeno macroeconómico, social e político, mas a um nível mais circunscrito ou reportado ao microcosmo da vida pessoal de cada cidadão. Sem partilhar uma visão mecanicista ou organicista do mundo dir-se-ia que em ambos os planos existem similitudes das suas causas, forças internas e efeitos próprios de cada ser vivo, quer ao nível individual quer ao nível nas comunidades humanas.

Utilizando uma concepção pouco dada à compreensão ou interiorização quântica do mundo, a crise enquanto sinal de algo que mexe ou se movimenta é o motor do universo manifestado. Engendra no seu grandioso, fascinante e desconhecido útero, as grandes acções, descobertas e invenções da humanidade. Esta visão algo romântica e ingenuamente progressiva não deve ofuscar o sentido imediato da palavra crise.

Sem crise não há desafios, e sem desafios, a vida é uma rotina, uma lenta agonia no quotidiano.

Se pesquisarmos atentamente, se olharmos directamente para o problema, para a situação, se a compreendermos, poderemos muito mais facilmente encontrar soluções, que nos permitam, ou sair de um problema ou rentabilizar todos os factores envolvidos, para melhorarmos a nossa intervenção no real.

“SEM CRISE NÃO

HÁ DESAFIOS, E

SEM DESAFIOS, A

VIDA É UMA

ROTINA, UMA

LENTA AGONIA NO

QUOTIDIANO. “

Crise (do grego *Krísis*) significa, pela sua etimologia, um momento decisivo, uma emergência, um risco, mas simultaneamente uma oportunidade. Conceptualmente, Crise está associada a mudança, e mudança, muitas vezes encontra-se, associada ao desconhecido, daí o aparecimento de ansiedade, de medo e muitas vezes de agressividade defensiva por parte de muitos de nós.

A Crise, no fundo encontra-se associada a uma, digamos assim, metodologia de intervenção humanística e espiritual, que a todos nós é muito querida – o **Autoconhecimento**.

Tentando penetrar no âmago da questão, poderemos constatar que, numa perspectiva económica e social da crise, torna-se cada vez mais clara a opção neoliberal dos nossos governos da qual nos apercebemos através das medidas tomadas, das opções de desenvolvimento, e pelo desprezo pela questão social.

Aliás, é esta a opção dos governos socialistas europeus, no poder – Espanha, Reino Unido, Alemanha (em coligação) e Portugal.

“O Estado não é a solução, é o problema...”

A afirmação de Ronald Reagan é bastante irónica nos dias que correm. Todavia, foi com base no conceito não intervencionista e regulador do Estado que o neoliberalismo se impôs.

A era do neoliberalismo, inspirada nas teses de Joseph Schumpeter, Friedwrich von Hayek e Milton Friedman instala-se a partir dos anos 70. O sinal verde situa-se em 1971, com o anúncio de Richard Nixon sobre a suspensão da conversibilidade do dólar em ouro e o restabelecimento da liberdade de manobra monetária de Washington. Os teóricos da Escola Austríaca e da Universidade de Chicago serão os conselheiros de Suharto, Pinochet, Thatcher e Reagan. Os efeitos sociais são devastadores. A intervenção económica e social do Estado desaparece. Chegou a hora da livre concorrência; do conceito de estado minimal; de democracia limitada; de auto-regulação espontânea; da noção de crise “natural” com efeito de reajustamento – cujas vítimas são consideradas “efeitos colaterais”; da “destruição criadora” – destruição de fórmulas “velhas” por soluções inovadoras; da “terapia de choque” aplicada em diversos países e que se traduz em privatizações de empresas do sector público, supressão de barreiras aduaneiras, liberalização de preços, despedimento de milhares de funcionários, autorização aos investidores estrangeiros, abolição de leis de protecção aos assalariados, privatização do sistema de saúde e do sistema de reformas...

Esta transmutação do estado transformou-o de promotor dos bens públicos e protector do povo em predador.

As grandes empresas multinacionais, os bancos de Wall Street, a Reserva Federal dos EU e os organismos financeiros internacionais elaboram em comum, sobre a base dos

Síntese Social Anual

mandamentos neoliberais, uma doutrina feita de competitividade, disciplina orçamental, reforma fiscal, redução de despesas públicas, de liberalização das trocas comerciais e dos mercados financeiros, assim como de privatizações massivas do sector público. Deixam aos banqueiros carta branca para jogar com o dinheiro dos contribuintes

A crença que as crises económicas se resolveriam com o contributo da tecnologia, com destaque para as tecnologias da informação, aumentou com a expansão da Internet. Efectivamente esta possibilitou a multiplicação das trocas e acelerou as especulações. O comércio electrónico expandiu-se e os investimentos nas empresas informáticas foram, durante algum tempo, lucrativos.

O programa de ajustamento estrutural imposto pelo FMI teve custos económicos, sociais e culturais para uma boa parte dos países. De facto, no Sudoeste Asiático, Rússia e América Latina o “tratamento de choque” teve como consequência a degradação da vida das populações e o agravamento das desigualdades enquanto alguns grupos manipulam a economia mundial. Em quatro anos (2002 a 2006) o montante dos capitais levados pelos fundos de investimento colectados dos bancos, seguradoras, fundos de pensão e haveres de particulares passou de 94 para 358 milhares de euros

Embora alguns indícios de que algo não corria bem, nomeadamente a falência da Enron em 2001; o desaparecimento de muitas empresas informáticas em 2002; o caso Parmalat em 2003; a crise imobiliária (crise do subprime) a partir de 2006 - que dos EU alastra a todo o mundo através da venda de um processo de titularização de créditos duvidosos – apesar de tudo isto, permaneceu-se numa expectativa morna. A classificação de AAA desses títulos pelas agências internacionais de classificação encorajaram os bancos a comercializá-los, sem que se apercebessem que readquiriam os riscos que tinham enviado para os mercados, principalmente através de *hedge funds*.

Quando a comunidade financeira se apercebeu, sem margem para dúvidas de que créditos de alto risco tinham invadido o sistema bancário, era tarde. Grandes grupos financeiros registaram perdas colossais. A desconfiança instalou-se.

A única saída foi a de os Governos e Bancos Centrais (americano, europeu, britânico, suíço e japonês) começarem a injectar centenas de milhar de euros no sistema, todavia sem resultado.

Agravando ainda mais a situação a crise petrolífera de 2008 e a alta de preços dos carburantes despoletaram protestos violentos nos profissionais deles dependentes e por arrastamento conduziram a uma crise alimentar. A economia real degradou-se. As consequências sociais foram arrasadoras.

Obviamente, toda esta situação se reflecte nos diversos domínios da vivência cultural da humanidade.

Perante o desmoronar de projectos de vida e das dificuldades do quotidiano, gera-se um sentimento de impotência que se traduz em indiferença e conformismo. A competitividade e o individualismo surgem no meio da luta pela sobrevivência. Um contexto cultural cujo *modus vivendi* se caracteriza pela aparência, pelo sucesso rápido, pela estandardização do pensar, do agir, do vestir, do comer, do lazer contagia todas as vertentes da vida. As solicitações veiculadas por uma publicidade eficazmente conduzida, cria desejos e ambições muitas vezes incompatíveis com baixos e mesmo médios salários e situações de emprego precário. A despoltização é preocupante e forja indivíduos alheados da acção governativa que é deixada aos políticos, afastando uma intervenção consciente e organizada.

Por outro lado, uma imagem fictícia da vida é reforçada por uma escola enfeudada a um perfil cada vez mais economicista, que valoriza o pragmatismo, o resultado em detrimento do processo, a facilidade contra o esforço, a imposição da rapidez, inimiga da consistência das aprendizagens.

A postura sem ética e mesmo corrupta de uma boa parte dos políticos; a falta de independência e de imparcialidade de instituições como a justiça; a ineficácia do serviço de saúde; a perda de segurança das reformas; a promiscuidade corrupta que tantas vezes atravessa horizontalmente todos os sectores da vida pública, reforçam o sentimento de impotência.

A intoxicação da opinião pública, pelos media, é tanto mais fácil quanto estes se apresentam sob uma capa de objectividade e imparcialidade. Todavia, uma grande parte

“QUANDO A
COMUNIDADE
FINANCEIRA SE
APERCEBEU, SEM
MARGEM PARA
DÚVIDAS DE QUE
CRÉDITOS DE ALTO
RISCO TINHAM
INVADIDO O
SISTEMA
BANCÁRIO, ERA
TARDE.”

Síntese Social Anual

das empresas de comunicação pertence a grandes grupos internacionais que inevitavelmente os manipulam.

Indivíduo, empresa ou país, o que interessa é sobreviver. Solidariedade, cooperação surgem perante situações extremas e revestem-se muitas vezes de uma roupagem mediática. Falhar esta luta “justifica” o estado de pobreza que se torna inevitável e “natural”. O desenraizamento social desresponsabiliza o indivíduo na sua qualidade de cidadão.

As desigualdades aprofundam-se. Os que não se adaptam a estas circunstâncias são apelidados de incompetentes enquanto grassa uma nova clique de espertos funcionários, de eficiência meramente técnica, que a coberto de um poder ele próprio enfeudado e refém de forças económicas, põem e dispõem da vida dos cidadãos. As lutas que ainda sobrevivem são pontuais, isoladas e com fraca adesão. Os sindicatos são inoperantes, arcaicos e tíbios. Movimentos de direita surgem por todo o lado, incitando à luta xenófoba pelos, cada vez mais raros, espaços de trabalho.

A reflexão sobre os problemas sociais e as políticas de acção é cada vez mais invisível, relegada para horários menos nobres e, mais grave ainda, menos ouvida, dado o crescente afastamento dos cidadãos por estas questões e o crescente tecnicismo dos discursos.

Aquilo que nem o comunismo conseguiu no seu processo de colectivação extrema, conseguiu-o um regime capitalista que ironicamente elegeu como arauto o indivíduo e o seu direito à liberdade. Que maior prisão haverá senão a de se julgar livre quando se é manipulado sem disso se ter consciência? Estamos no domínio de Platão, Orwell e na versão multimédia de Matrix.

E, contudo, os mesmos meios de comunicação podem inverter, em parte, este estado de coisas. Que fazer? Como? Algumas acções já tomaram dimensões apreciáveis usando o telemóvel, a internet. Mas continuam pontuais e reactivas. Apontando muito mais aos sintomas que às causas.

Incontestavelmente, vive-se em sociedades ditas “civilizadas” que destroem massivamente vidas, valores e recursos naturais preciosos, e a constatação destes acontecimentos trágicos e abusivos leva-nos a sentir uma total indignação e, ao mesmo tempo, um sentimento de impotência face à devastação que teima em alastrar para o século XXI: guerras insanas, seres humanos reduzidos à miséria no meio de um mundo de abundância, relações doentias, corrupção, massacres, criminalidade, entropia climática, entre outros aspectos. E, no final, o Homem perde o rumo e sente-se exausto.

No entanto, é este tempo conturbado e de escuridão, considerado por muitos como o prenúncio do “final dos tempos”, o trampolim para uma nova consciência, para o renascimento de um Novo Homem, em que, finalmente, “o olho começa a ver”. Os indícios sombrios contêm em si o germe da regeneração espiritual; e a inquietude funciona como o fermento necessário para insuflar a energia necessária à transformação de uma cultura agarada aos padrões rígidos da sociedade patriarcal em que o arquétipo animus, ligado ao masculino, na terminologia psicanalítica junguiana, prevalece em detrimento do anima, ligada ao feminino, à intuição e ao mistério.

Apesar de tudo, o homem rígido, sem amor, inflexível, inumano e alienado da espiritualidade, cede lugar ao Novo Homem que, paulatinamente, começa a despertar para o conhecimento de uma realidade transcendente. Exactamente como a esperança brota eterna no peito humano, como a Fénix se ergue das cinzas, como Hiroxima e Nagasáqui se levantaram dos destroços da bomba atómica, há algo no Homem que o encaminha para experiências que lhe ampliarão a consciência e mostrarão que é possível o ressurgimento de um novo Homem, de uma nova Terra. Todo o processo é acompanhado e assinalado por provas, e o homem comum, à semelhança do herói mitológico, ao decidir passar pela porta estreita da caverna, terá de superar uma série de dificuldades e mudanças em relação a si próprio, mas também ao modo como se inter-relaciona com os outros e com o mundo natural, que lhe serve de esteio à sua vida precária.

Em suma, serão então a desordem social, o fim dos valores humanistas, os conflitos, as guerras e o desrespeito pelos valores femininos a abanarem os alicerces em que está construída a Civilização moderna e a obrigarem o Homem a mergulhar no seio do

“É ESTE TEMPO
CONTURBADO E DE
ESCURIDÃO,
CONSIDERADO POR
MUITOS COMO O
PRENÚNCIO DO
“FINAL DOS
TEMPOS”, O
TRAMPOLIM PARA
UMA NOVA
CONSCIÊNCIA,
PARA O
RENASCIMENTO DE
UM NOVO HOMEM,
EM QUE,
FINALMENTE, «O
OLHO COMEÇA A
VER»”

Síntese Social Anual

caos, que ele próprio criou, e tão necessário à mutação. Desse mergulho emergirá um novo Homem com uma nova e significativa consciência individual e colectiva.

São frequentes as referências a diversos processos de transição, tais como a «transição para a economia de mercado», a transição para a «economia baseada no conhecimento» e a transição para o «mercado global», esta correntemente designada por globalização. Na realidade, trata-se de diferentes maneiras de olhar, ou interpretar, um único processo de transição, que é afinal a própria corrente da História. Processo ou deriva de cujo sentido e direcção não estamos seguros, mas que procuramos interpretar, olhando-o retrospectivamente.

Neste aspecto a questão do «sentido da História» – isto é, da sua direcção e do seu significado – perdeu a relevância que teve no século passado, num tempo em que a «conjuntura ideológica» ainda era fortemente marcada pelo marxismo.

Estaríamos, assim, num momento caracterizado por transições, indeterminações e, afinal, perplexidades sobre os caminhos do Homem do século XXI.

Mudança social e global acelerada, incerteza, primado dos horizontes e objectivos de curto prazo, seriam algumas das características fortes do tempo presente.

Pensamos que a escola é, ainda, um lugar privilegiado na formação de cidadãos despertos e conscientes. Não esta que temos. Nem mesmo a antiga. Há que repensar o que fazer desta instituição num mundo em permanente mudança, com recursos fabulosos de transmissão de conhecimentos. Criar um espaço em que os recursos e o conhecimento se transformem em criação, isto é, no desenvolvimento integral de cada ser humano que cresce.

E que pensar de acções locais? Que aproximem as pessoas dentro das comunidades em que vivem e criem verdadeiros laços de solidariedade, uma consciência ecológica, uma cooperação de esforços na realização de projectos comuns?

Tudo isto sem que se perca de vista que nunca mais estaremos confinados ao nosso pequeno espaço, às nossas pequenas coisas, porque estamos num processo irreversível de mundialização e também porque a partilha sempre foi positiva. No comércio como nas ideias, os povos que promoveram as trocas sempre foram mais abertos, mais tolerantes, mais criativos. Hoje não precisamos de rios, nem de portos de mar que nos ponham em contacto com outros povos, outras culturas, outros saberes e outras experiências. Temos o grande mar da televisão, da internet. Temos meios de deslocação velozes se precisarmos, ou lentos se quisermos usufruir do caminho. Temos recursos para que ninguém morra de fome, fique sem escola ou sem cuidados de saúde.

Para que isso aconteça é necessário, que se dê ao indivíduo o lugar de dignidade que lhe cabe como pessoa, como cidadão. Um ser consciente da sua singularidade de pensamento e acção, com espaço para a realização pessoal, sem deixar de ser atento e actuante em relação ao contexto próximo e global, quer sob o ponto de vista social, político, cultural ou ecológico.

Só é necessário uma coisa. Que se impeça que homens explorem outros homens; que usem crianças; que descartem os idosos; que acumulem riqueza que nem conseguem utilizar de tão excessiva e absurda.

Pensar global e agir local é a chave do sucesso.

Milhões de pessoas assumem as suas responsabilidades e agem em prol da protecção do planeta: empenhamento político, educativo, acções concretas (da triagem selectiva à economia da energia). São muitas pedras para construir uma nova relação com o planeta. Um novo templo para o nosso futuro.

Com que pedras poderemos hoje contribuir para esta grande obra: a defesa do nosso planeta?

Tomemos a nossa régua e o nosso esquadro. Estes instrumentos complementares permitirão dar à nossa obra a medida exacta e o equilíbrio que são necessários à sua inserção no edifício em construção. Devemos, pois, juntar-nos àqueles que trabalham no canteiro comum.

Da criação dos Estados Unidos à Revolução Francesa, os valores da Franco-Maçonaria iluminaram o mundo. Esta época das luzes continua, três séculos mais tarde, a influenciar-nos.

**“SÓ É NECESSÁRIO
UMA COISA. QUE SE
IMPEÇA QUE
HOMENS
EXPLOREM OUTROS
HOMENS; QUE
USEM CRIANÇAS;
QUE DESCARTEM
OS IDOSOS; QUE
ACUMULEM
RIQUEZA QUE NEM
CONSEGUEM
UTILIZAR DE TÃO
EXCESSIVA E
ABSURDA.”**

Síntese Social Anual

Trabalhar é um dever imperioso. Beneficiando do trabalho dos nossos precursores e dos nossos contemporâneos devemos contribuir, pelo nosso lado, para as tarefas comuns. Por mais humilde que seja, o trabalho individual, integrado no grande empreendimento do progresso humano, pode tornar-se, como o era o dos nossos ancestrais operativos, o suporte e o meio de uma atitude iniciática e servir de base à melhoria espiritual do Homem.

Os grandes combates da vida intelectual são: o desenvolvimento sustentável do nosso planeta e a criação de uma Europa baseada nos valores humanistas mais do que nos económicos.

Uma Europa comprometida na defesa destes valores terá uma influência sobre o mundo.

Os benfeitores da Humanidade são aqueles que, venerados ou anónimos, humildes ou gloriosos, souberam utilizar as suas qualidades para ajudar no progresso da Humanidade.

Através das suas palavras, das suas obras e dos seus exemplos, espalharam os grandes ideais de respeito pela vida, sob todas as formas, de solidariedade entre os homens, de justiça, de liberdade, de fraternidade e de amor.

Sejamos os benfeitores da futura humanidade.

“PARA OS
MAÇONS OS
MOMENTOS DE
CRISE SÃO OS DO
REGRESSO À
CÂMARA DE
REFLEXÃO E DE
RECTIFICAÇÃO.”

A crise, foi analisada na perspectiva de ser um factor de exclusão social, identificando-se este conceito como a falta de recursos que cobre um grande número de indivíduos. A exclusão social está intimamente ligada à ruptura, quer do laço social, quer do vínculo do simbólico que liga qualquer indivíduo à sociedade. Factores como a xenofobia, o racismo ou mesmo a emergência de nacionalismos devem ser tidos em causa como fracturantes socialmente.

Para os maçons os momentos de crise são os do regresso à câmara de reflexão e de rectificação.

A Maçonaria tem uma palavra a dizer em favor da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Os Maçons devem ser capazes de operar a transformação necessária para que se possam continuar a participar na construção dum mundo melhor, no exercício dos direitos e afirmação de cidadania. A partir da crise temos de encontrar em nós as melhores forças como condição humana para sobrevivermos como civilização. Com a força da cadeia de união dos Maçons, a oportunidade de crescimento e renovação será uma realidade que se transmitirá à sociedade, na certeza que, é nos momentos de crise que devemos polir a nossa pedra bruta.

A crise poderá ser colectiva, mundial como está a acontecer neste momento concreto e nesta conjuntura política internacional. A crise poderá ser individual, psicológica ao nível de cada um dos seres humanos, homem ou mulher.

No que diz respeito à nossa praxis concreta, em Maçonaria o momento de uma iniciação é um momento de crise. É um momento em que, iniciandos e iniciadores, põem em causa o vivido e procuram o novo, o desconhecido. Inclusivamente até se deixa escrito um testamento filosófico!...

A Iniciação é a porta de entrada, é o limiar para um novo mundo e uma nova experiência de vida, contudo desconhecida...

A Iniciação maçónica teve origem nos antigos Mistérios, ambos têm acompanhado a evolução da Humanidade ao longo de Milénios e ambos terão desempenhado e estarão a desempenhar um papel importante e fundamental para o solucionamento das crises cíclicas que evoluem com as próprias Sociedades e com as mentalidades e idiossincrasias dos homens e das mulheres de cada tempo e de todos os tempos.

Enquanto Maçons teremos de estar atentos por um lado às causas das crises que vão acontecendo e por outro lado às respostas que, dentro de cada um e em conjunto com todos os IIR\ e IIR\ nas RResp\ LL\ e em cada Ob\, for possível dar para melhorar a vida quotidiana de todos à luz da L\ \ F\

Georges Martin (1844-1916)

Se Maria Deraises foi, através da sua iniciação, o ponto de ancoragem da maçonaria feminina, Georges Martin foi de facto o construtor da maçonaria mista e o criador da Ordem internacional. As suas qualidades e compromissos pessoais de cidadão não podiam deixar de o levar a uma actividade resoluta e eficaz na Franco-Maçonaria.

Georges Martin nasceu a 9 de Maio de 1844, em Paris, embora com raízes na Sologne, sendo seu pai farmacêutico. Aluno brilhante num colégio de jesuítas, cedo começou a inquietar os seus mestres pela sua pouca docilidade e ideias revolucionárias, entre as quais advogava a igualdade do homem e da mulher.

Bacharel em letras, em 1861, depois em ciências em 1863, entregase ao estudo da medicina pela necessidade de se dedicar aos outros. Paralelamente, envereda pela vida pública, propagandista incansável e dedicado das ideias republicanas, incitando à acção e ao exemplo. É durante este período que se junta a Garibaldi em Itália, em 1866.

Regressa a França, retoma o estudo da medicina em Montpellier, e

depois em Paris, onde obtém o título de doutor em medicina em 1870. Exerce esta profissão durante dez anos e bem merece o nome de “médico dos pobres” pois tantas vezes esquece os honorários que lhe são devidos.

Homem de acção, é-o bem visível na aplicação das suas ideias liberais e republicanas.

Em 1866 cria o serviço de saúde pública.

Em 1874 é eleito para o conselho do Município de Paris, sendo três vezes reeleito.

É nomeado para o conselho de supervisão da Assistência Pública, tendo aí proposto muitas reformas.

Em 1884 é eleito Presidente do Conselho Geral do Sena e, em 1885, Senador desse mesmo departamento.

Nos anos 1890, após um insucesso eleitoral, deixa Paris e regressa à sua propriedade de Lamotte Beuvron, no Loir e Cher.

Em 1897 é eleito para o Conselho Geral no seu cantão e reeleito até à sua morte.

Georges Martin, ateu e racionalista, respeita as crenças dos outros. Todavia permanece crítico face às religiões que pensa mais não serem do que um instru-

mento de divisão entre os homens. Defende as suas ideias para o triunfo da Verdade, verdade a que chama Justiça.

Não é, portanto, de espantar que, simultaneamente, adira à Franco-Maçonaria. É iniciado na Loja “Union et Bienfaisance”, no Rito Escocês Antigo e Aceito, mas está convencido de que a maçonaria só será construtiva com a inclusão de mulheres.

Começa por tentar fazer evoluir a maçonaria masculina. Durante muito tempo confia que as Lojas masculinas empreenderão a iniciação de mulheres.

Contudo, após os problemas surgidos na Loja “Les Libres Penseurs du Pecq” com a iniciação de Maria Desraimes, compreende que algo de novo tem de ser criado. Trabalha nisso sem descanso. A sua tenacidade e vontade vencem os obstáculos.

Cria, com Maria Desraimes, a Grande Loja Simbólica Escocesa “Le Droit Humain”, em 1893, com o auxílio das primeiras mulheres que ela iniciou regularmente, entre as quais Marie-Georges Martin com quem casara em 1889. Não quis ser ele a dirigir essa primeira Loja, nem posteriormente a

presidir à Ordem Maçônica para cuja criação verdadeiramente contribuiu, tendo sido, contudo, em ambos os casos, um notável orador.

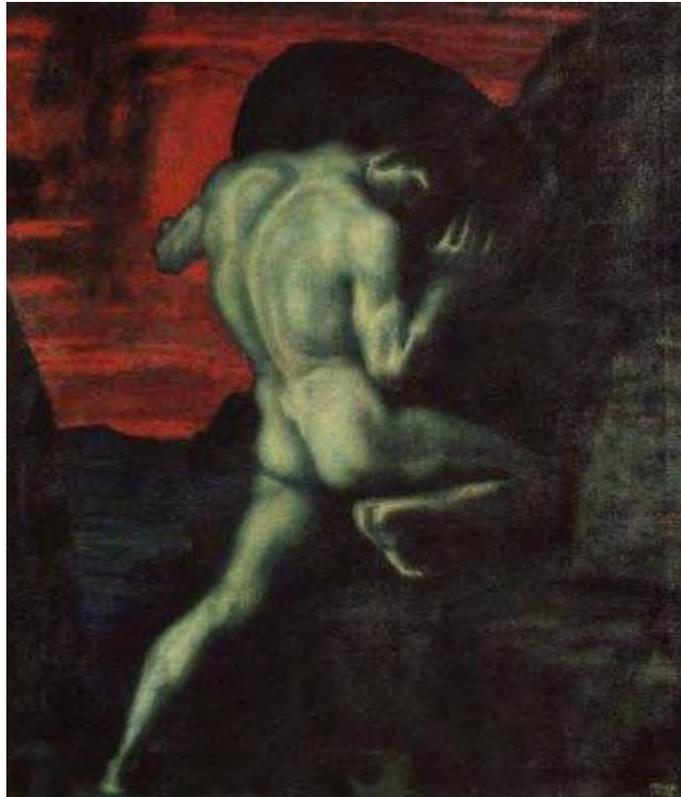
A sua persistência permite-lhe manter e desenvolver essa estrutura devido às suas qualidades de organizador, às suas convicções e, sem dúvida, à sua teimosia ... mas por boas causas.

O casal Martin não teve filhos. Assim, Georges Martin decidiu doar a sua fortuna, depois da venda do seu palacete particular de Paris e da sua casa de campo, para a construção da Sede da Ordem do “Droit Humain”, no n.º 5 da rua Jules Breton, em Paris, onde morre a 1 de Outubro de 1916, no pequeno apartamento que ali reservara para si.

www.droithumain-france.org



Do punho da Irmã... Ana Marta Fortuna



Sísifo. Óleo sobre tela de Franz von Stuck (1863/1928). Data: 1920. Coleção particular.

Não te sentes só pedaço de luz a fugir ao vento? Não te sentes só quando no Mundo todos respondem à chamada do quotidiano?

Sísifo sou, não tenho sonhos, não tenho sono e os meus actos tornam-se num valor de sacrifício ascendendo a dimensões sobrenaturais e honrando Afrodite.

Esqueço esta ninfa que me produz os portões no inferno na clara luz do Sol... tento esquecer que os meus dias são humanos mas de mim nada mais se parece com o que de mim foi sendo construído na força de tanto não querer ser deste Mundo.

A Irmã Ana Marta Fortuna, autora do livro "O Peso da Nuvem", escreve regularmente no blogue *A destreza das Dúvidas* a partir do qual nos cedeu o presente texto. O trabalho da Irmã pode ser visto em adestrezadasduvidas.blogspot.com

Poesia Iniciática

Ask! Seek!! Knock!!!

Ask, and ye shall receive;
Seek, ye shall surely find;
Knock, ye shall no resistance meet,
If come with ready mind;
For all that ask, and ask aright,
Are welcome to our lodge to-night.

Lay down the bow and spear;
Resign the sword and shield;
Forget the arts of warfare here.
The arms of peace to wield;
For all that seek, and seek aright,
Are welcome to our lodge to-night.

Bring hither thoughts of peace
Bring hither words of love
Diffuse the pure and holy joy
That Cometh from above;
For all that knock, and knock aright,
Are welcome to our lodge to-night.

Ask help of Him that's high;
Seek grace of Him: that's true;
Knock patiently, the hand is nigh,
Will open unto you;
For all that ask, seek, knock aright,
Are welcome to our lodge to-night.

Rob Morris



Preceito Maçónico

“Os amigos têm tudo em comum. A amizade é a igualdade.”

Pitágoras

Editor de Publicação:
Manuel Garrido

Comissão de Publicação:
Raquel Reininho
Ricardo Freitas

Colaboração:
Ana Maria Sousa
Ana Marta Fortuna
Pedro Horta

**Contacto para sugestões e
colaborações:**
boletimfederacaodh@gmail.com

O Ordem Maçónica Mista Internacional “Le Droit Humain” em Portugal

A Ordem Maçónica Mista Internacional LE DROIT HUMAIN teve duas fases da sua existência em Portugal.

A primeira fase histórica na 1ª República foi liderada pela Dra Adelaide Cabete, insigne lutadora pela causa da Igualdade entre o Homem e a Mulher, Venerável Mestre de uma Loja feminina, a Loja Humanidade, dentro da então estrutura do GOLU (Grande Oriente Lusitano Unido), retirou-se do mesmo, ao ser-lhe exigido que ficasse mas como Loja de Adopção, isto é, sem os plenos direitos que antes detinha em igualdade com as Lojas masculinas, e pediu a admissão na nossa Ordem. Após a admissão, criou outras Lojas dando assim origem à Jurisdição Portuguesa de que foi Presidente. Após a Revolução de 28 de Maio de 1926, com a instauração do Regime ditatorial do Estado Novo o Direito Humano desaparece em Portugal. Em 1980 um grupo de profanos de Lisboa foi iniciado e constituiu uma nova Loja a que deu o nome de "Humanidade" em homenagem à criada em 1923, e, deu-se início a um novo ciclo. Em 1983 foi criada no Porto a Loja "Fraternidade", em 1984 a Loja "Athamor" em Lisboa, em 2000 a Loja "Liberalitas" em Évora, em 2002 a Loja "União" em Alcobaça e em 2003 a Loja "Gaia" em Vila Nova de Gaia e a Loja "Adelaide Cabete" em Braga. Existem, ainda três ateliers de Altos Graus: uma Loja de Perfeição "Sete Colinas", um Capítulo "Rosa Lusitana" e um Areópago "Porto do Graal".

Na capa

A fotografia da capa é da autoria do Irmão Pedro Horta. Dando-lhe o nome de “7 espigas”, o fotograma foi obtido com a velha técnica de Talbot de meados do século XIX, chamada de Lumentype (vulgo Saltprint, baseado nos primeiros papéis salgados) coloridas e re-interpretadas.” O trabalho do nosso Irmão Pedro Horta pode ser visto em www.fotodecartao.blogspot.com

